

INTUIÇÃO E PRECOGNIÇÃO

Em 1956, Cox (cit. Por Chauvin, 1991) estudou 28 acidentes de comboio que tinham incluído mais de 10 pessoas feridas. Verificou que as vendas de bilhetes para os comboios considerados foi menor no dia precedente ao acidente do que nos sete dias anteriores. Cox supôs que certas pessoas pudessem ter um pressentimento subliminar do desastre e modificassem planos de viagem sem saberem porquê.

Sabemos da existência de muitas investigações contemporâneas que demonstram a possibilidade de os seres humanos preverem, pelo menos esporadicamente, acontecimentos – em condições inexplicáveis para os actuais paradigmas científicos (embora comecem a surgir tentativas explicativas interessantes: ver, por exemplo, Taylor, 1998). Sabemos que a ocorrência de “experiências precognitivas” é frequente na população em geral (Zangari e Machado, 1996) e que, conforme se demonstra em laboratório de modo muito convincente, muitas delas correspondem a uma efectiva captação “anómala” de informação acerca do futuro, inexplicável como podendo ter acontecido por qualquer via sensorial conhecida (por exemplo Bem e Honorton, 1994; Krippner, 1996; Krippner et al., 1998; Morris, 1996; Nelson, Dunne, Dobyns e Jahn, 1996). As célebres experiências, inicialmente secretas e pagas pelo governo americano, acerca da “Visão Remota” (Targ e Katra, 1998) demonstraram que não somente é possível a alguém captar informação, por vezes extremamente detalhada, a milhares de quilómetros de distância mas também que essa informação pode estar “desfasada” no tempo e referir-se quer ao passado quer ao presente ou ao futuro. Os resultados obtidos indicaram claramente, ao longo de 20 anos de investigação, que alguns indivíduos, conseguem descrever, a distâncias que podem ser enormes, acontecimentos que estão a ocorrer ou irão ainda ocorrer nas próximas horas ou dias. O caso típico é a descrição do local onde se encontra um observador enviado, após escolha aleatória de um dentre uma série de envelopes cuidadosamente selados e protegidos, para esse local. A evidência apresentada por Radin (1997) acerca da ocorrência de casos de precognição (entendida como captação cognitiva anómala de informação acerca do futuro) ou mesmo de pressentimento (entendido como antecipação emocional e fisiológica de eventos instantes antes de eles começarem a ocorrer) é esmagadora e continua a ser replicada e confirmada (ver, por exemplo, Bierman, 1997).

O que tem tudo isto a ver com o tema da intuição? Krippner (1996) defende que “as experiências Psi subjectivas fazem interface com a sensibilidade ampliada, a imaginação criativa, a auto-regulação dos processos corporais e a memória ampliada, concedendo à ciência uma visão extensa do que podem ser intituladas “capacidades humanas de reserva””(pg. 127). A intuição, entendida de modo genérico e por muita gente como a possibilidade de um indivíduo obter acesso por vias “extrasensoriais” a informação relevante para a sua situação existencial, é, segundo cremos, um dado adquirido. Constitui uma das capacidades “de reserva” referidas por Krippner e possui, como quase nenhuma outra, a possibilidade de evidenciar que talvez os seres humanos sejam bem mais do que simples máquinas biológicas. Entretanto a precognição é, segundo acreditamos, um caso particular de faculdade “anómala” humana que parece aproximar-se especialmente da noção de intuição, filosoficamente mais elaborada, de que falaremos na secção sobre “Intuição e Iluminação”. Na verdade, uma das maneiras de compreender a precognição consiste em admitir que existem “linhas de força” determinantes da nossa “realidade” que estão vivas e presentes, encaminhando-a, a níveis de substância-energia aos quais não conseguimos ter acesso

nos nossos estados de consciência mais “normais” e/ou usando as nossas capacidades sensoriais típicas. Um tal acesso permitir-nos-ia conhecer o encaminhamento que essas linhas de força estariam a dar à nossa “realidade sensorial” muito antes de elas se traduzirem em factos “palpáveis” (da mesma maneira que um perito em balística poderá prever o local de impacto de um obus e os estragos que ele fará se conhecer a colocação da arma que irá lançá-lo, o poder detonante, a força de impulsão...).

No entanto, pode acontecer que, em circunstâncias de uso da faculdade intuitiva, tenhamos acesso, ainda que em curtos lampejos, a outros níveis ou dimensões da realidade. Nesse caso, de que tendemos a guardar recordações especiais, que nos fazem sentir que deparámos com algo que se nos impõe como “verdade”, poderemos – também – ter acesso aos determinantes do nosso próprio futuro. Note-se, entretanto, que esta é somente uma das interpretações possíveis para os fenómenos precognitivos, que os consideraria como um caso particular da intuição...

INTUIÇÃO E ILUMINAÇÃO

O termo “Intuição” aparece, na linguagem comum, com um sentido extremamente vago. Parece, aí, referir-se a virtualmente qualquer “palpite” ou acesso a informações com relevância existencial por vias pouco claras ou mesmo inconscientes. Nesse caso, o intérprete ingénuo acerca dos fenómenos “intuitivos” não saberá senão colocar no mesmo saco: (1) uma “impressão” acerca de outro como sendo uma pessoa simpática e positiva, impressão essa baseada na reacção do seu rinocéfalo a umas quantas ferormonas (não queremos dizer que todos os casos sejam assim); (2) uma captação acerca do que irá acontecer a outra pessoa no dia seguinte, com base num fenómeno “anómalo” e inexplicável para a Ciência actualmente aceite; ou (3) um momento de acesso plenamente consciente a uma outra instância do que chamamos Realidade. No entanto, muitos séculos de tradição, vivência e investigação por parte de místicos e esoteristas quer do Ocidente quer do Oriente justificam que se fale em Intuição numa acepção mais exacta e, talvez, muito mais fascinante.

Num artigo extremamente interessante acerca do famoso Emanuel Swedenborg, Blom-Dahl (1997) realça que este manifestou, a par com a sua obra de revelação mística (obviamente não comprovável, pelo menos por agora, referindo outros mundos e esferas de existência), uma obra de revelação física cuja veracidade pode agora ser facilmente comprovada... Nesta última, com mais de um século de antecipação, Swedenborg descreveu, por exemplo:

- . uma ligação funcional entre a glândula pituitária e a descarga de urina bem como as contracções uterinas;
- . os efeitos psicossomáticos da descarga de adrenalina ao falar nos efeitos relacionados com as glândulas adrenais: medo, tremor, incómodo e ansiedade;
- . uma longa série de efeitos e características morfológicas do Vírus de Epstein-Barr, afirmando que ele contribuía para a formação de cancros o que, sabe-se hoje, é rigorosamente correcto;
- . embora, no trabalho científico, tenha negado a existência de bactérias ou micróbios, veio a descrever a actividade de “*infernals*”. Por exemplo, descreveu a bactéria minúscula que é responsável pelo Tifo e o tipo de febre que provoca (classificou-a de cruel e “adulterina”), a sua transmissão parasítica, pelas fezes dos piolhos, o modo de fazer profilaxia em relação a ela e os modos da sua penetração no organismo humano (transcutâneo e através do aparelho respiratório). Estes factos somente foram descobertos em 1916;

. descreveu em detalhe (nomeadamente gráfico) o desenvolvimento e fertilização do óvulo humano quando ele mesmo pensava, antes, que o óvulo não tinha papel gerativo sendo só o receptáculo do espermatozóide;

. descreveu cromossomas;

. descreveu correctamente as funções da pele, do baço, da glândula timo, do peritoneu, do cólon, fígado... Descreveu a forma verdadeira de vários micróbios que só na actualidade podem ser observados graças a microscópios electrónicos. Um exemplo detalhado é o do vírus da raiva, dos seus efeitos, modo de penetração no organismo e, claro, também características morfológicas... Até o facto de o vírus só começar a proliferar após atingir o cérebro é referido!

Curiosamente, Swedenborg antecipou que, muito tempo mais tarde, algumas pessoas poderiam considerar como dados científicos o que ele próprio considerou como metafísico, incapaz de se aperceber da realidade física do que chocava com as suas próprias ideias...

Obviamente, tudo isto pode ser relacionado com as nossas considerações anteriores acerca da precognição. Até certo ponto, no caso de Swedenborg, pode falar-se em precognição... Com um século de antecedência. Ou, numa alternativa que nos parece mais convincente e conforme o que ele próprio declarou, numa extraordinária penetração em fenómenos “internos” à realidade conhecida na sua época. Ora é precisamente disso que se trata, segundo as tradições da “Filosofia Perene” (como foi apelidada por Aldous Huxley), quando falamos em intuição: uma penetração directa na realidade das coisas, não mediada intelectualmente e não baseada na informação adquirida por meio dos órgãos dos sentidos (mesmo os “sentidos anómalos” envolvidos na chamada Percepção Extra-sensorial). Swedenborg era um vidente extraordinário, como o demonstra um espectacular episódio, clássico e bem documentado, em que descreveu, em Setembro de 1754 e enquanto estava em Gotenburgo, a 480 kms de distância do local, um incêndio que ocorria em Estocolmo. Descreveu o início do incêndio, às 6 horas da tarde, o seu desenvolvimento e o modo como foi controlado 2 horas depois. Esta experiência foi confirmada por Kant... No entanto, apesar de também ser um vidente, ele era um intuitivo. Na sua obra, é o próprio Swedenborg que marca a diferença pois, segundo Blom-Dahl (Op. Cit.), ao iniciar todos os fragmentos de “revelação física” (como os que referimos antes), ele usa uma típica fórmula: *dictum est mihi*, ou seja, “foi-me dito”. Ao actuar como vidente, ele descrevia as suas visões; ao actuar como místico e transmissor de uma revelação, ele asseverava que, somente enquanto se encontrava num “estado divino em que há revelação”, uma misteriosa fonte lhe revelava, por entre “vozes e relâmpagos”, a verdade. Ele sabia que era verdade no momento de recebê-la; no entanto, até ao fim dos seus dias, parece ter persistido em erros intelectuais devidos à sua incapacidade de perceber o alcance do que lhe era “dito”. As revelações vinham-lhe como momentos de inspiração prolongada e ele transcreveu-as não obstante ter continuado a defender teses contrárias. No entanto as “revelações” é que estavam correctas, à luz da ciência actual.

Na verdade, Swedenborg atravessou, em 1744, uma importante crise que lhe deu uma “iluminação” e um senso profundo de “percepção espiritual”. Tornou-se profundamente místico, ouviu conversações misteriosas, teve visões, recebeu revelações, viu o “Céu” e o “Inferno”, conversou com espíritos e mesmo com Deus. Afirmou que não há anjos nem demónios mas sim espíritos bons e maus. Afirmou que o homem pode comunicar com os “espíritos” e receber deles muitas informações. Tudo isto poderia fazer com que, como diversos autores, víssemos

nele um esquizofrénico criativo (Jaspers, cit. Por Blom-Dahl, 1997) ou um epiléptico (Kleen, idem) capaz de um profuso delírio; contudo, no momento em que se comprova que o suposto delírio comporta antecipações científicas espantosas e com mais de um século de alcance, o caso muda de figura.

Afinal o que é, para a Filosofia perene, a intuição e em que tem ela a ver com a “iluminação”? Alice Bailey define-a como sendo a “captação directa da verdade, independentemente da faculdade reflexiva ou de qualquer outro processo do intelecto. É o surgimento na consciência de alguma verdade ou beleza nunca sentida. (...) É imediatamente reconhecida como verdade infalível e não desperta qualquer dúvida” (1987, pg 99). Note-se que este carácter noético, ou de certeza no acesso à realidade, é típico nas experiências de “Consciência Cósmica” (Weil, 1976) – só que, nessas experiências, ele não é somente experienciado como um lampejo mas como algo que se prolonga. Na verdade, Bailey (1987) descreve o conhecimento intuitivo como sendo algo que supera os produtos da actividade intelectual, como um conhecimento muito mais profundo, inegável e verdadeiro, que marca a superação, pelo homem, quer do seu instinto quer do seu intelecto. A intuição é assunto de claridade, compreensão, consciência dilatada e não de vago palpite cuja fonte ou processo seja inconsciente. A própria via prescrita pelos iogues do Oriente para cultivar o conhecimento intuitivo (que, afinal, conduz à iluminação implica o controlo e, depois, a cessação da actividade mental como a conhecemos: o recolhimento meditativo e o silêncio acabam por ser condições necessárias para tal juntamente com diversas técnicas de disciplina mental, emocional e física. A este respeito é fácil encontrarmos referências (por exemplo Bailey, 1983; Sadhu, 1959; Vivekananda, 1990; Yogananda, 1974). A ideia expressa por muitos instrutores espirituais é, afinal, a de que o estado de iluminação é um estado em que o uso da faculdade intuitiva deixa de ocorrer por lampejos para se tornar permanente: já não é somente um “flash” momentâneo mas converte-se numa intensa luz permanente – que, segundo a tradição, pode ser vista, por quem tenha percepção para vê-la, na aura dos “iluminados”... Aliás, na descrição feita por Bailey (1983; 1987), a iluminação é o resultado da “descida”, ao conhecimento cerebral, da sabedoria obtida em estado modificado de consciência (modificado pela prática meditativa, no caso versado pela autora) sendo a “inspiração” o resultado, na vida prática, desse processo. Assim, há que diferenciar, à luz da Filosofia Perene, entre o lampejo intuitivo ocasional, por exemplo de um artista ou de um cientista, e o estado de utilização permanente da intuição que, segundo a tradição, é apanágio dos grandes “iluminados”. Não admira, por isso, que o sentido de revelação e o de profundo conhecimento intuitivo apareça facilmente a par: ambos são marca daqueles que conseguem alcançar um nível elevado de realização espiritual – ou, nos nossos termos mais “modernos”, uma elevada capacidade de entrar e ou de se conservar em estados ditos transpessoais. Swedenborg é, talvez, um dos mais curiosos testemunhos de que estas possibilidades poderão ser muito mais do que ficção ou do que literatura mística e poética desprovida de significado empírico.

Entretanto importa não esquecer que a “iluminação” pode, segundo as tradições associadas ao Ioga, ser o resultado do despertar daquela forma de energia conhecida como “fogo Kundalini” (ver, por exemplo, Vivekananda, s.d.). Claro, o despertar desta forma de energia, supostamente latente na base da coluna vertebral e que conduziria o iogue, caso a sua ascensão ocorresse de modo devido, à iluminação, não é assunto simples nem fácil. Exige toda uma disciplina espiritual – e não é isento de perigos como o atesta, claramente, a existência da

síndrome da fisio-kundalini (ver o artigo correspondente neste volume). Entretanto Vivekananda (Op. Cit.) parece considerar que a kundalini concede ao iogue o “conhecimento absoluto” mas que este pode ser atingido por outros meios que o despertar - directo, pelo menos – dessa misteriosa forma de energia. A via da meditação ascética pode também conduzir até lá.

Abandonemos agora as referências menos “científicas” para voltarmos a referir dados de pesquisa contemporânea. Sabemos que muitos músicos sobejamente conhecidos afirmaram que a sua inspiração musical lhes vinha directamente de Deus (Brahms, Strauss) ou de uma influência sobrenatural (Puccini, Wagner). Ao considerar tais pretensões, Willin (1997) refere ainda que alguns deles (Bruch, Berlioz, Tartini) mencionam ter tido experiências musicais durante sonhos enquanto outros (Tchaikovsky, Mahler) se afirmaram praticamente “possuídos” pela música. De algum modo, eles poderiam estar a reconhecer o carácter “intuitivo” da sua inspiração musical. É também célebre o caso de Mozart que, aparentemente, escrevia sinfonias inteiras sem chegar a emendar as partituras – porque, segundo ele, escrevia peças musicais que já estavam “prontas” antes disso. Alguns músicos contemporâneos como Jonathan Harvey ou Stephen Dodgson admitem que o modo como chegam à sua produção musical implica certa suspensão de julgamento ou mesmo uma disciplina mental meditativa (Willin, 1997). Para finalizarmos, importa-nos referir que autores como Targ e Kutra (1998) atribuem uma boa parte dos fenómenos anómalos quer precognitivos quer do tipo da “visão remota” ou outras capacidades “Psi” do ser humano, tal como a intuição, ao acesso a uma “mente não-local” virtualmente ilimitada e, por isso mesmo, potencialmente omnisciente – por não estar circunscrita nem pelo espaço nem pelo Tempo... Uma hipótese nada estranha a quem esteja familiarizado com a física quântica, segundo parece (Targ é um perito em raios *laser*, conhecedor nesse domínio e que trabalhou longamente em investigação parapsicológica). Esse acesso poderia ser obtido, em “lampejos”, em momentos especiais (talvez correspondentes a algumas “experiências de pico” tais como referidas por Maslow?) ou, de modo eventualmente mais persistente, como produto de “disciplinas espirituais” persistentes e sistemáticas. No limite, os lampejos de “iluminação” intuitivos poderiam tornar-se num uso permanente da faculdade intuitiva e num estado de iluminação. Essa faculdade permitiria, talvez, o acesso à “ordem implícita” do Universo teorizada por David Bohm, por exemplo (ver, por ex., Weber, 1981). Jane Kutra (Op. Cit.) menciona explicitamente a sua necessidade de atingir um estado modificado de consciência em que deixa de sentir separação entre si própria e a pessoa com quem está a trabalhar para poder actuar como “curadora espiritual”, o que pode ser interpretado como obter contacto com a “mente não local”...

BIBLIOGRAFIA

- Bailey, Alice (1987, tradução em língua castelhana de um original inglês de 1923): Del Intelecto a la Intuición. Málaga: Editorial Sirio.
- Bailey, Alice (1983, reedição de um original de 1927): The Light of the Soul. New York: Lucis Publishing Company.

- Bem, Daryl J. e Honorton, Charles (1994): “Does Psi Exist? Replicable Evidence for an Anomalous Process of Information Transfer”. Psychological Bulletin, Vol 115, Nº 1, 4-18.
- Bierman, Dick J. (1997): Emotion and Intuition I, II, III, IV & V. Unravelling Variables Contributing to the Presentiment Effect”. Proceedings of Presented Papers at the Parapsychological Association 40th Annual Convention held in Conjunction with The Society for Psychical Research. The Parapsychological Association.
- Blom-Dahl, Christen A (1997): “The Third Source. Swedenborg: a Physical & Metaphysical Revelation” – artigo publicado na Internet em <http://www.soc.hawaii.edu/leonj/leonpsy/instructor/christen/Sweden.htm>)
- Chauvin, Rémy (1991): La Fonction Psy. Paris: Éditions Robert Laffont, S.A.
- Krippner, Stanley (1996): “Parapsychological Studies and the Human Brain”. Pgs 126-144 in Aquém e Além do Cérebro. Actas do 1º Simpósio da Fundação Bial ocorrido na Reitoria da Universidade do Porto. Porto: Fundação Bial.
- Krippner, Stanley, Wickramasekera, Ian e Judy e Winstead III, Charles (1998): “The Ramtha Phenomenon: Psychological, Phenomenological, and Geomagnetic Data”. The Journal of the American Society for Psychical Research, Vol. 92, Nº 1, January.
- Morris, Robert (1996): “Recent Developments in Experimental Parapsychology”.. Pgs 29-45 in Aquém e Além do Cérebro. Actas do 1º Simpósio da Fundação Bial ocorrido na Reitoria da Universidade do Porto. Porto: Fundação Bial.
- Nelson, R.D.; Dunne, B.J.; Dobyns, Y.H. e Jahn, R.G. (1996): “Precognitive Remote Perception: Replication of Remote Viewing. Journal of Scientific Exploration, Vol. 10, Nº 1, pp. 109-110.
- Radin, Dean (1997): The Conscious Universe. New York: HarperEdge.
- Sadhu, Mouni (1959): Concentration: a Guide to Mental Mastery. New York: Harper.
- Targ, Russell e Katra, Jane (1998): Miracles of Mind. Novato, California: New World Library.
- Taylor, Jon (1998): “ A New Theory for ESP”. Journal of the Society for Psychical Research, Vol. 62, Nº 851, April.
- Vivekananda, Swami (1986): Vedanta, Voice of Freedom. St. Louis: Vedanta Society of St. Louis.
- Vivekananda, Swami (s.d.): Kundalini Yoga. Porto: Brasília Editora.
- Weber, Renée (1981): “Reflections on David Bohm’s Holomovement”. Pgs. 121-140 in Valle, Ronald S. e Eckartsberg, Rolf Von (Eds.), The Metaphors of Consciousness. New York and London: Plenum Press.
- Weil, Pierre (1976): A Consciência Cósmica. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Willin, Melvyn (1997): “Music and Spiritualism”. Journal of the Society for Psychical Research, Vol. 62, Nº 848, July.
- Yogananda, Paramahansa (1974): Autobiografia de um Iogue. São Paulo: Summus Editorial.
- Zangari, Wellington e Machado, Fátima (1996): “Survey: Incidence and Social Relevance of Brazilian University Students’ Psychic Experiences”. European Journal of Parapsychology, Vol. 12, 75-87.